



Karina Ventura
Colégio Universitário
1ª série - Ensino Médio

Solidão

Eu tinha quinze anos quando Oizus, o deus da tristeza, angústia e miséria me escolheu. No primeiro momento que o vi, senti que havia sido engolfado por trevas infinitas, condenado a passar a eternidade no Tártaro a sua companhia. Não tenho certeza em que época vivi primeiramente, muito menos em que época me encontro nos dias atuais. Sou seu escravo, condenado a ser sua companhia pela eternidade, obrigado a viver em suas condições, e ele não se importa nem um pouco com Cronos e a sua passagem de tempo.

A tristeza perpétua entre os anos e lugares importa-se apenas em contaminar seres humanos frágeis com suas garras envenenadas com desespero. Eu sou um exemplo. Sinto falta do cheiro de comida pronta, do calor humano, do amor. Sinto falta de ser humano, algo que me foi privado, condenado a ser escondido nas trevas, impossibilitando qualquer criatura viva me veja e, conseqüentemente, me ajude. Sempre consumido pela a escuridão, acabei por me acostumar com a ideia de ser uma leve inclinação do que fui enquanto vivo, não apenas respirando.

Era assim, até eu ver ele. Até eu ver a minha luz no fim do túnel, o meu resquício de humanidade, escondido por camadas de depressão, brilhou na frente de meus olhos quando percebi a sua existência. Vi a mim mesmo. Vi a minha mãe, meus amigos, rostos desconhecidos que nunca vi nos meus anos de vida; iluminaram o meu coração. Percebi que a única coisa que, me prendia a Tristeza, era eu mesmo. Percebi que o único que não permitia a ajuda de terceiros e a entrada deles em minha vida era eu. Senti o amor crescer no meu peito, uma explosão, como se Apolo, o deus da luz, estivesse em meu interior. Percebi que devemos estar junto, mesmo que isso signifique estar junto de si mesmo.

E eu percebi que, no fim, o único que pode te privar ou te libertar é você mesmo. Tomei consciência de que, nós somos o que acreditamos que somos, e recebemos o amor que acreditamos que merecemos. Percebi que preciso da humanidade ao meu lado. Que estar vivo é estar em companhia de outros e de mim mesmo. Percebi que, no fim das contas, o normal é estar junto.

Parecer Avaliadores SAS

O texto de Karina ganha destaque entre os demais - também muito interessantes - devido à abordagem inusitada do tema e à reflexão que propicia: viver é estar em companhia.
Parabéns, Karina